

## **Educação como Posicionamento: Entrevista com Ana Maria Duarte Do Vale**

Entrevistadora: Vanice dos Santos

Como fazer uma breve apresentação de uma educadora com inúmeras contribuições para o campo da Educação, sendo testemunha, co-partícipe, e sempre atenta à necessidade de posicionamento na tarefa da Educação? Ao estilo currículo Lattes: Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1979), Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1986) e Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2001). Foi Secretária de Educação do Município de Natal/RN (1993-1994). Professora universitária, assessorando academicamente a Faculdade de Natal - FAL coordenando o Laboratório de Ensino e Novas Tecnologias - LENTE bem como atuando ativamente como membro da Comissão Própria de Avaliação - CPA e do Conselho Editorial da Revista Ágora. Integrou o quadro docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ), de 1987 a 2006. Membro do Instituto Paulo Freire (SP) desde a sua origem. Na área de Educação, a ênfase é em Educação Popular, atuando principalmente com os temas Educação Popular, Escola Pública, Escola Cidadã, Estado e Resistência Social. Estudiosa do Legado do educador Paulo Freire.

Para além e junto a isso, proferiu palestras, integrou mesas-redondas, concedeu entrevistas, escreveu artigos, como também é autora dos livros **Educação Popular na Escola Pública** (1992) e **Diálogo e conflito: a presença do pensamento de Paulo Freire na formação do sindicalismo docente** (2002). Na sua gestão enquanto Secretária Municipal de Educação do Natal (RN), os posicionamentos teórico-metodológicos de Paulo Freire e Moacir Gadotti iluminaram não apenas a gestão administrativamente mas também, e sobretudo, estiveram presentes nas ações de formação teórica dos educadores como ponto de partida para atuação nos espaços escolares.

---

Cabe destacar ao leitor, que essa entrevista, iniciada com um roteiro semi-estruturado, desenvolveu-se de forma dialogada, assegurando tempo para o pensamento e o advir das palavras.



Registro durante entrevista com Ana Maria Duarte do Vale (2024)

*Como início, manifesto gratidão por teres acolhido o convite para essa entrevista dialogada.*

Gostaria inicialmente de deixar claro que por tratar-se de uma entrevista dialogada cujo objetivo maior é o relato da minha experiência profissional, priorizarei destacar a importância da teoria freiriana nesse processo. Não trata-se pois, de abordar as teorias constitutivas freirianas, trata-se de testemunho de experiências vividas aqui compartilhadas. Como não há pensamento puro, muitas outras

---

influências formativas tive acesso igualmente importantes. Contudo, colocarei em evidência algumas passagens da minha trajetória com e a partir de Paulo Freire.

*Como primeira questão, nos diga, Professora Ana Vale, o que lhe fez desejar e adentrar na tarefa de ser professora, educadora?*

Essa questão remete, naturalmente, a minha trajetória e história de vida. Não há como separar, afinal! Desde cedo, convivi por 12 anos, com freiras franciscanas no “Colégio das Freiras”. Um colégio encrustado no nosso Nordeste em terras potiguares na cidade de Mossoró.

Era um Colégio eminentemente feminino cujos princípios religiosos católicos comungavam com a formação de crianças e jovens adolescentes preparando-as para o restrito universo feminino padrão à época. Estávamos nos anos 60. À jovem mulher caberia adquirir conhecimentos e um tipo de educação que a preparasse para o lar e para o exercício da maternidade. Ambos, fundamentais e esperados pela sociedade.

Nessa direção e como moça bem comportada, educada e conformada aos padrões pré-estabelecidos, cheguei ao Curso do Magistério como era desejo e determinação dos meus pais. Contudo, meu desejo era fazer o Curso Científico. Sendo impedida e desmotivada, propus cursar Magistério e Científico ao mesmo tempo. Consegui autorização e aceitação familiar.

Sem que eu percebesse, nascia aí uma fresta de ruptura e de resistência aos padrões de mando e obediência familiar e, por conseguinte e bem depois, padrões sociais. Enveredar pelo campo da Educação e da Pedagogia foi um processo muito natural. Ali, já no final do curso de Pedagogia, tínhamos que optar pelas especializações oferecidas: Administração Escolar, Supervisão (inicialmente Inspeção Escolar), Orientação Escolar e as Habilitações Metodológicas das disciplinas consideradas fundamentais.

Mais uma vez, ao optar por cursar Supervisão Escolar, logo percebi a necessidade de cursar antes, o Estudo das Disciplinas Pedagógicas para só então, cursar Supervisão. Não tinha como ser diferente. Como trabalhar com os

---

professores sem conhecer com profundidade as metodologias das disciplinas fundamentais por eles trabalhadas?

Com esta tomada de decisão assumi minha segunda rebeldia em relação ao padrão de formação profissional proposto.

Logo iniciei minha carreira profissional na rede estadual de ensino. Inicialmente na Secretaria de uma grande escola pública e logo depois como professora de escola pública de periferia até chegar a lecionar na Escola do Magistério, assumindo também o trabalho de Coordenação de Estágios. No ensino superior entrei para a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e por lá me aposentei sem, contudo, me render aos aposentos.

Todo este meu percurso histórico e de vida, sinteticamente aqui registrado, foi me formando como professora e educadora que tento ser até hoje nos diferentes espaços que frequento.

Como nos falava e nos fala o patrono da educação brasileira, não basta sermos professores precisamos ser também, educadores. É o que me move e me mobiliza nessa caminhada chamada vida!

*Como a jovem mulher que foi tomando posição frente à diversas situações, ao tornar-se professora, enveredou para os caminhos da vida e da pesquisa acadêmica? Quais temáticas foram lhe despertando interesse, talvez até mesmo necessidade, de aprofundamento?*

Esse caminho também se deu naturalmente. Lembro com nitidez que ao cursar mestrado na PUC-Campinas, e como os demais colegas, estava aflita pela temática da pesquisa que eu deveria trabalhar, pré-requisito da conclusão do curso de Mestrado em Educação com foco na Filosofia da Educação. Foi aí que um grande amigo, professor Adriano Nogueira me disse: por que você não escreve sobre sua trajetória de vida profissional? Certamente, ao fazer isto você encontrará o tema que está dentro de você e que lhe move. T tamanha foi minha surpresa ao iniciar este resgate de memória. Me deparei com questões extremamente relevantes para a educação, todas vivenciadas nos espaços das Escolas Públicas do Estado – Rio

---

Grande do Norte. Estado pobre da região Nordeste, onde a deterioração da escola pública se apresentava como um reflexo da própria deterioração da vida da população. Eu fazia parte desta realidade. Cedo tivemos que aprender a conviver com essa realidade e procurar, a partir dela, direcionar “reflexões” e “ações” político-pedagógicas. Afinal, a escola pública é um espaço legítimo onde as contradições se manifestam desvendando as diferenças sociais.

Portanto, não busquei fora as temáticas com as quais eu pudesse trabalhar, elas afloraram mediante nossa prática educativa inquietadora, crítica e questionadora. Ademais, sempre foi para nós uma grande incógnita a ser resolvida o fato de atribuir-se comumente à “educação popular” as iniciativas da educação informal, ou seja, uma educação alternativa, voltada para a população adolescente e adulta do país. Não podemos esquecer que a escola pública, enquanto uma instância de um Estado capitalista marcado pela extrema distinção entre as classes sociais nele imersas, portanto, voltado naturalmente para interesses específicos, caberia especificamente ministrar um tipo de educação formal que correspondesse aos interesses específicos de reprodução e de inculcação ideológica. Ou seja, aí está embutido o caráter político da educação. A neutralidade da educação é então desmistificada.

No campo teórico, nossos conhecimentos teóricos não apenas foram testados e provocados a fornecerem respostas a muitas indagações: será mesmo possível desenvolvermos a educação popular na escola pública?

Até que ponto a função atribuída à escola pública enquanto aparelho ideológico do Estado é realmente verdadeira?

Quais práticas educacionais podem ser empreendidas na escola pública, em função da organização e da conscientização dos movimentos populares? Quais os limites e possibilidades que se apresentam a uma prática dessa natureza?

Responder a essas questões com clareza e convicção, tornaram-se para nós grandes. Muito mais do que buscarmos respostas a essas questões, estávamos a lidar também, com desafios a serem enfrentados. Resistimos por creditar à escola pública um valor social e político da escola pública. Responder a essas e outras questões era de extrema importância. Afinal, não se muda o que não se conhece.

---

*Pode-se dizer que esse movimento deu origem, e de certa forma, está presente no seu primeiro livro? Quem esteve ao seu lado nesse percurso?*

A propósito e sem razão, essa pesquisa foi publicada pela Editora Cortez, com o título **Educação Popular na Escola Pública**. Lá, vocês poderão encontrar com detalhes os fundamentos teóricos, políticos, históricos e metodológicos educacionais que marcaram este estudo. A pesquisa me encorajou a defender a tese que defendi à época e que continuo defendendo: é possível fazer uma educação popular na escola pública! No livro, há grandes desdobramentos para a viabilização dessa utopia possível.

Se me indagam quem me apoiou nessa pesquisa e caminhada de vida, registro os inúmeros livros físicos que li - que muito subsidiaram essa pesquisa-, colegas, professores de cursos, professores por mim entrevistados a respeito da possibilidade de se trabalhar, na Escola Pública, uma educação voltada para os segmentos populares. Aliás, A Escola Pública é o espaço onde esse segmento da nossa sociedade tem acesso ao conhecimento formal. Eles já estão na Escola Pública. A questão maior é trabalharmos um tipo de educação que os possibilite associar os saberes que já possuem com novos saberes avançando na compreensão e interpretação do mundo no qual estão inseridos. Fundamental a leitura crítica do mundo, diria Paulo Freire.

Aí reside o caráter político da educação. O educando se reconhece sujeito da história, sendo capaz de nela atuar em função da sua melhoria e transformação social.

Como nos alertava nosso mestre Paulo Freire, “só o homem faz a história e só ele é capaz de transformá-la”. Como somos seres sociais e ninguém muda a história sozinho, precisamos juntos, trabalharmos para o processo de construção de um mundo melhor. Com saberes necessários e fundamentais a nossa formação mas, principalmente se faz necessário a politização desses saberes. Não há educação neutra. Toda educação é um ato político. Mesmo aquela que se diz neutra é política. No caso, e em sendo política mesmo tentando negar sua força maior, ela favorece a ideologia dos mais poderosos trabalhando de forma a alienar a sociedade

---

das suas características constitutivas formativas: as distinções de classes sociais.

No meu livro **Educação Popular na Escola Pública**, é possível entendermos com maior profundidade essa abordagem. Inclusive, a origem da escola pública no Brasil já surgiu com características burguesas. E esta afirmativa nada tem a ver com o fato da Escola Pública ser ainda, em sua maioria, carente de recursos, infraestrutura, etc. Como ser burguesa?

São os princípios ideológicos formativos, as concepções e inculcações ideológicas embutidas muitas vezes nos conteúdos, nas metodologias, nas avaliações realizadas, no tipo de educação alienante adotada que a torna opressora. Impossível me estender nesse espaço em questões por demais complexas mas de fácil compreensão se quisermos aprofundar nos alicerces que constituem e fundamentam a Escola Pública. Salvando os grandes avanços existentes em algumas escolas, ainda temos muito o que aprender e ensinar.

*As inquietações e os movimentos que você compartilha conosco, próprios de uma educadora, que adentrou no campo da Filosofia da Educação, me leva a convidar para falar a respeito de como surgiu para você o despertar para desenvolver o livro **Educação Popular na Escola Pública**.*

Ao tentar lhe responder Professora Vanice, farei referência às duas pesquisas maiores que realizei, aqui priorizadas pelo enfoque na relação entre objeto de pesquisa e sua relação intrínseca com minha história de vida. Repito: encontrei o objeto de estudo dentro de mim e não fora da minha trajetória formativa, profissional e de vida.

O Público e o Popular - a inserção do popular na escola pública.

Esta pesquisa, como penso ter registrado aqui nesse espaço, foi sendo gerada a partir do momento em que voltei meu olhar para minha trajetória de vida como estudante (continuo me considerando uma eterna estudante) e como gente. O mestrado me deu a oportunidade de ter acesso a teorias formativas que me inquietavam e me confundiam muito mais do que esclareciam. Sim porque o esforço de iluminar nossas ações teoricamente de tal maneira que nos possibilite

desvendarmos o que antes passava despercebido, é um trabalho árduo. Exige tempo. O espaço da escola pública sempre foi meu campo de estágio e de inquietações, naturalmente. Revisitar a história da educação brasileira e estudar a origem da escola pública foram os dois pilares que iluminaram essa pesquisa. O estudo do Estado Brasileiro e as modificações educacionais, numa retrospectiva histórica, foi sem dúvida igualmente imprescindível. A escola pública na sua origem possui todas as características burguesas, sabemos.

Porém, no interior desses espaços escolares estão os segmentos populares. É lá que eles estudam. Como não considerar os saberes por eles vividos e que trazem para o interior do espaço escolar?

Se a educação na escola pública ainda é predominante encharcada de valores burgueses diferentes dos valores dos educandos que lá estão é porque existe certamente um outro tipo de educação que não é popular.

Se há uma educação burguesa onde estaria a educação popular? Que lugar ocupa nos espaços da escola pública?

Foram muitas questões que se levantavam exigindo alguma resposta que logo se transportavam para novas perguntas...

Desvendar teoricamente esta realidade era urgente para mim. Nascia a pesquisa. Hoje livro, **Educação Popular na Escola Pública** poderá melhor lhe responder às possibilidades e aos limites dessa prática. E não apenas isso, também consideramos necessário entrevistarmos alguns educadores a respeito dessa questão: é possível trabalharmos uma educação popular na escola pública? Quais os limites? Possibilidades? Etc. Tamanha foi minha alegria ao realizar algumas entrevistas e sentir total apoio a pesquisa que estávamos realizando ou seja, a necessidade de construção de uma escola pública de caráter popular. Na ocasião, entrevistei Paulo Freire (1987) que afirmou: “O trabalho na escola pública é um trabalho de educação popular. Na escola, você trabalha com crianças das classes populares numa escola pública, o problema é a qualidade da educação que você faz nessa escola”. Nessa linha de pensamento os professores entrevistados Celso Beisiegel, Gilberta Januzzi, Moacir Gadotti, Rubem Alves, Wanderley Geraldi em muito contribuíram com suas posições e sugestões para nossa pesquisa. Com isto,

---

a atualidade da temática e da pesquisa se tornou evidente à época e seguramente, ainda é nos dias atuais.

*Nesse mesmo sentido, de que para pensar a atualidade evocamos o passado, vamos ao Instituto Paulo Freire. Como é de conhecimento de muitos, o Instituto Paulo Freire (IPF) tem relevância indiscutível para o campo da Educação. Então, gostaria de ouvir de você, como se deu sua aproximação e participação no Instituto.*

Sem dúvida, o espaço do Instituto Paulo Freire foi e continua sendo um ambiente de enorme relevância para mim. Tanto no que diz respeito a experiências de trabalho quando lá atuei em diferentes projetos e atividades quanto na minha vida.

O IPF foi criado oficialmente em setembro de 1992. A ideia de criar o Instituto foi do próprio Paulo Freire, cujo desejo era reunir pessoas e instituições movidas pelos mesmos sonhos de uma educação humanizadora, libertadora e transformadora. Acreditando no peso da Educação para o processo de transformação social, Paulo Freire nunca pensou em deixar discípulos reprodutores das suas ideias fundamentais. Com a humildade que lhe era peculiar, Paulo Freire pensava em um espaço onde se pudesse aprofundar suas reflexões, melhorar as práticas já vivenciadas em função de novos saberes. Um outro mundo é possível e nele, a educação possui um peso fundamental. Em seus escritos e nas reuniões de trabalho no IPF sempre enfatizava que mudar é difícil mas, é possível. Sobre o IPF sugiro visitarem e vivenciarem o Instituto através do site <https://www.paulofreire.org>. Aí estão registradas muitas das ações, cursos, projetos já realizados e em curso. Visitem o Instituto Paulo Freire tanto virtualmente como presencialmente.

*Observando a cronologia me ocorrer relacionar com sua gestão como Secretária Municipal de Educação, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Há relações entre o Instituto Paulo Freire e sua gestão?*

Sim! Em 1993 participei de uma das primeiras atividades realizadas pelo

---

Instituto Paulo Freire. Tratava-se de um Encontro para Educadores e Gestores Educacionais cuja preocupação era discutirmos sobre os rumos da educação em curso e como poderíamos contribuir para a construção de um novo tipo de educação.

À época, eu acabara de assumir a Secretaria de Educação do Município da cidade do Natal (SME/Natal). Vale registrar que assumi tamanho desafio encorajada por amigos, professores e principalmente pelo Professor Moacir Gadotti e Paulo Freire. O Professor Moacir Gadotti havia sido meu orientador no mestrado que fiz na PUC- Campinas. Neste caminhar, nos tornamos amigos e companheiros de muitas caminhadas na Educação. Para ele, eu deveria aceitar o convite e abraçar o que defendíamos teoricamente. Paulo Freire me disse: “Aninha, nós que lutamos por uma educação emancipatória, conscientizadora e libertadora, não temos o direito de dizer não a um chamado desse. É nosso dever assumir e contribuir com a construção desse sonho possível”. A questão, continuou ao telefone, é nunca perdermos de vista o momento para sairmos. Devemos continuar até o momento em que poderemos voltar à sala de aula de onde saímos de cabeça erguida e respeitosa. Sem dúvida, ali mesmo aceitei o convite, na verdade, quase uma convocação. Permaneci no cargo por dois anos, voltando para a sala de aula com a mesma dignidade com a qual me ausentei. Seguimos, o Instituto Paulo Freire e a Secretaria Municipal de Educação, juntos durante esse período, sendo apoiada e incentivada a trabalhar apesar da enorme estrutura burocrática e política que permeia a Secretaria.

Neste período, as terras potiguares, em especial Angicos, recebeu Paulo Freire pela primeira vez após sua expulsão do país por “alfabetizar num país de analfabetos”. Angicos, como sabemos, foi palco da experiência de Alfabetização de Jovens e Adultos cujos princípios teóricos metodológicos foram implementado pelo educador Paulo Freire.

Foi um momento ímpar para a história da educação potiguar. Paulo Freire recebeu o título de Cidadão Angicano [do município de Angicos/RN]. Na ocasião, visitou ex-alunos que não puderam se deslocar até o ambiente da escola onde eles estudaram na década de 60, conversou com ex-monitores, com os professores da

---

região, com a comunidade. Foi sem dúvida um grande momento e um feito por demais importante. “Em nenhum lugar do mundo onde estive, fiquei mais tocado do que aqui e agora”. No dia 28 de agosto de 1993, Paulo Freire assim se dirigiu à população de Angicos.

À época, o Professor Marcos Guerra, ex-monitor da experiência de Angicos era Secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Norte. Juntos, viabilizamos todo o evento contando com uma significativa cobertura e apoio do Diário de Natal, do DN Educação através do jornalista Afonso Laurentino.

Paulo Freire volta ao estado do Rio Grande do Norte (RN) em 1996 para lançar o livro **Paulo Freire: uma Biobibliografia**. Este livro é a obra mais completa sobre Paulo Freire. Organizado pelo Professor Moacir Gadotti, com a colaboração de Instituições e pessoas, tornou-a possível.

Mais uma vez seria impossível separar da minha trajetória de vida e de profissão, a presença do pensar freiriano sobre educação nessa caminhada. Daí que as questões ao serem aqui refletidas se entrelaçam formando um fio condutor que me guiou e me guia constantemente. Este fio condutor é freiriano e não apenas ele, que fique bem claro. Afinal, não há pensamento puro, penso! Parto sempre desse legado vivido enquanto se formava e tento avançar.

*Pode compartilhar conosco outros momentos marcantes, em específico da sua vivência, no Instituto Paulo Freire (IPF)?*

Da vivência no Instituto Paulo Freire resgato momentos que foram marcantes para mim. E não refiro-me aos trabalhos realizados com e pelo IPF, aulas ministradas no Estado de São Paulo numa grande ação formativa educacional abraçada pelo IPF junto a Diretores de Escolas, Coordenadores, Supervisores e Orientadores Educacionais e tantas outras ações. Não! São fatos que me marcaram profundamente e que neste instante, fui convocada à compartilhar. É na verdade, um testemunho muito particular. Devo a UFPB, Campus Bananeiras esta oportunidade de compartilharmos. Muito obrigada Professora Vanice.

Domando a emoção da lembrança, tentarei ser breve nesses registros.

---

O Instituto Paulo Freire quando foi se estruturando se instalou no subsolo de um Edifício da Rua Cerro Corá, 550. À época, eu estava cursando meu doutoramento na USP e tive o privilégio de ser orientada mais uma vez, pelo Professor Gadotti. Eu residia em São Paulo ocasião em que o Instituto era meu espaço de estudo e de pesquisas constantes e rotineiro.

O IPF estava se estruturando, como disse. Determinado dia, fomos tomados por uma grande alegria e missão: transportar os livros do mestre Paulo Freire para o IPF. Paulo Freire havia doado seus livros para o Instituto. Trazê-los da biblioteca da sua casa para o IPF, era a nossa missão. Nós organizamos para isso. Um trabalho a ser realizado com a calma e o zelo que a ocasião exigia. Nós deveríamos assumir tudo. E assim foi feito.

Dias antes, já estávamos a montar estantes de aço para acolher os livros. Aço cortante que deixaram por dias, marcas doloridas nas mãos inábeis. Perfeccionista no que faz, o Professor Gadotti se encarregou de fazer a pior parte desse trabalho: apertar os parafusos das estantes. Estantes prontas, os livros, o acervo, foram chegando...

O agito próprio de qualquer mudança, mesmo a mais planejada possível, imprimiu um ritmo próprio em cada um de nós. Num determinado momento o professor Gadotti me chama e me entrega uma caixa pequena e uma pasta. Ambas, visivelmente marcadas pelo tempo. Disse: “Aninha, você irá ficar com a responsabilidade de guardar esses documentos pessoais do Paulo Freire”. Confesso: fiquei emocionalmente mexida. Estava com os passaportes de Elza, sua primeira esposa, do professor Paulo Freire e muitos outros documentos. O peso da confiança e da responsabilidade que me foi confiada me fez viajar no tempo... os documentos ganharam vida e vida sofrida - sabemos. A história nos mostra o quão foi desumano e difícil “ser exilado do seu próprio país”, já afirmara Paulo Freire. Ali vi a história ganhando vida e se perpetuando através dos livros e documentos. Tratava-se de livros que subsidiaram a formação do próprio Paulo Freire. Livros por ele lido, estudados e alguns, sublinhados. Livros que continuam formando gerações. Foi muito forte. Paulo Freire Vive!

Outro momento impregnado de memórias foi uma Reunião de trabalho que

---

Paulo Freire foi convidado a participar. Precisávamos ouvi-lo a respeito de um possível trabalho do IPF. Paulo Freire vivia também o Instituto Paulo Freire.

A fala do professor ainda ecoa nos meus ouvidos. Vinda da nossa reunião, a mesa, Círculo de Cultura, permitia que nos olhássemos ao trabalharmos, dialogármos. A questão maior por ele trabalhada diante dos impasses apresentados: lidarmos com os diferentes. É preciso lidarmos com os diferentes para avançarmos... diferentes, não antagônicos, completava! E justificava. Argumentava de forma convivente, de forma simples, direta, meiga e firme. Era o suficiente. Associar as teorias a uma ação concreta, prática nos possibilita avançarmos no processo da realização dos nossos sonhos. Fazermos o possível hoje para que possamos amanhã, fazermos o impossível de hoje. Sabermos lidar com os diferentes é fundamental!

São muitas as situações vividas que mereceriam ser resgatadas, porém, estou limitada pelo espaço-tempo de uma entrevista.

*Tomando de mote o título de um capítulo do livro **Diálogo e conflito: a presença do pensamento de Paulo Freire na formação do sindicalismo docente**, podes compartilhar sobre o “itinerário com a educação: a dialética entre a teoria e a prática”? Isso considerando suas diversas contribuições para a Educação, portanto para a sociedade, quando esteve como Secretária Municipal de Educação de Natal, Rio Grande do Norte. Como isso aconteceu? O que você conseguiu realizar? Quais desafios?*

Mais uma vez, há um fio condutor vivido por mim anterior à pesquisa. Ela surge também quando volto o olhar para ler a realidade vivida com o sindicalismo docente não como sindicalizada mas como dirigente municipal. Sem deixar de ser sindicalizada, ao contrário, reafirmei meu compromisso com a categoria, contudo minha posição na relação estabelecida era de dirigente municipal, não de professora sindicalizada. Dessa experiência, surgiu o hoje também livro **Diálogo e conflito: a presença do pensamento de Paulo Freire na formação do sindicalismo docente**

---

Uma pesquisa ampla na qual entrevistei lideranças sindicais de instituições representativas no país. Penso que cabe registrar aqui.

Quanto às entidades representativas em nível nacional, fomos ao encontro de líderes da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Quanto às entrevistas realizadas com lideranças sindicais docentes com representação regional, para tentar lembrar de todas, vamos mencionando considerando as regiões brasileiras. Bem, no Nordeste, entrevistamos no Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Rio Grande do Norte (SINTE/RN) e no Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública de Pernambuco (SINTEP/PE). Na região Norte, estivemos no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação Pública do Estado do Pará (SINTEPP/PA), SINTEPP-Marabá. Nas entidades do Centro-Oeste foram: Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (SINTEGO) e o Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público do Mato Grosso (SINTEP/MT). Na região Sudeste do Brasil, entrevistamos líderes do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (SINDIUPES), do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP), da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME/SP) e do Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo (SINPEEM). Tivemos ainda oportunidade, da região Sul, de entrevistar líderes no Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP-Sindicato), no Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina (SINTE/SC) e no Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/RS).e Se

Ainda sobre o sindicalismo docente e a influência do pensamento de Paulo Freire na formação dessa categoria... Não é demais repetir que em todas as pesquisas que realizei não busquei fora a temática, reafirmo, mas a partir de situações já vividas, observadas e interrogadas por mim. Buscar respostas às hipóteses levantadas inicialmente nos dá um norte na direção do que investigar, para

---

que, como investigar. Ou seja, se faz necessário esse movimento de dentro para fora.

A pesquisa nos oportuniza conhecermos melhor o já dito, o já pensado, para que possamos chegar num conhecimento novo. É exatamente neste ponto que avançamos, contribuímos no âmbito da ciência e do social.

Quando estive como Secretária de Educação do Município de Natal tentei estabelecer juntamente com o sindicato docente uma relação de respeito e de diálogo franco e esclarecedor. Mas, não podemos esquecer que quem estava numa mesa de negociação não era a professora sindicalizada. Ana Vale era também a Secretária de Educação do Município cujos deveres eram vistos normalmente, como representantes da esfera pública. E nem sempre a esfera pública poderia atender a todos os direitos dos trabalhadores da educação, quer seja para suprir um déficit de direitos não assegurados anteriormente, quer seja para fazer jus aos novos direitos. Por sua vez, o Sindicato possuía sua forma muito peculiar de negociações.

Por força da presença já cristalizada entre as partes de estabelecerem uma relação conflituosa, muitas vezes o diálogo dava lugar a expressões de conflitos, intolerância e até desconfiança. Não cabe aqui nenhuma crítica, absolutamente! Na verdade, a intensidade das tensões nos embates suscitavam muitas questões sem respostas. Por um lado, estava Ana Vale, uma estudiosa do pensamento de Paulo Freire, ex-aluna do Professor Paulo com vivência de trabalho no Instituto Paulo Freire. Por outro lado, o sindicalismo docente defensor de uma educação libertadora, conscientizadora, comprometida com a elevação da qualidade do ensino na Escola Pública, mais verbas para a educação, inclusão escolar, merendas nas escolas, etc, etc. Ora, eram essas também as causas que nos motivaram a assumir o cargo de Secretária Municipal de Educação.

Onde estaria portanto o NÓ dos Nós? Responder a essa questão e suas implicações me rendeu uma tese de doutoramento publicada na íntegra e de fácil acesso a todos.

Acontece, que as inquietações surgiram da relação direta com o SINTE-RN mas o sonho era mais ousado no que se refere a extensão do campo da pesquisa. Queríamos uma pesquisa ampla para além do Estado do RN, o que foi realizado. O

---

que nos moveu nessa enorme pesquisa foi exatamente tentar responder a uma pergunta fundamental: o pensamento freiriano está presente na formação sindical docente? As demais questões decorreram desta questão maior.

Foram entrevistadas lideranças sindicais, docentes, representantes e dirigentes de diversos sindicatos docentes brasileiros. Isso por que, a representatividade conferida às lideranças pelas respectivas categorias sindicais, ao elegê-las, confere-lhes legitimidade e também, autoridade para em seu nome expressar sua opinião. Foram entrevistadas 16 lideranças sindicais docentes, representantes de 10 estados brasileiros. Todas as entidades representativas filiadas à CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. Para todas elas, o pensamento de Paulo Freire esteve e está presente na formação da consciência política dos líderes sindicais e do sindicalismo docente. Indo mais além, reconhecem a influência do pensar de Paulo Freire na formação do sindicato docente. Como afirmei antes, a presença do pensar freiriano no sindicalismo docente é, pois, um fato histórico. Contestá-la será sempre próprio ao caminhar humano; negá-la, nunca.

*Para fins dessa conversa, o que você gostaria de falar, de destacar, enfatizar, convidar à nós, vosso/as leitor/as?*

No momento em que fui convidada a dialogar com a Professora Vanice dos Santos, Coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Campus Bananeiras, sobre minha trajetória de vida profissional, tive a clareza ser esta uma função delicada, de extrema responsabilidade e respeito com o possível leitor e ou leitora. Isso porque, é muito difícil falarmos de nós mesmos, sobretudo, num espaço tempo limitado. Num esforço de síntese, tentei pinçar algumas experiências por mim vividas sem jamais desconhecer que a formação profissional que adquiri neste caminhar não está jamais desassociada da minha história de vida. Toda formação que recebi e recebo se confunde com minha própria vida e forma de

---

ser e estar no mundo. É realmente um saber como produto existencial e humano. Por esta razão, saber e existência se confundem justo quando me debruço sobre eles, mesmo enfatizando fragmentos desses saberes.

Reconhecendo que nesta trajetória muitas foram as correntes políticas, educacionais e filosóficas que me formaram, priorizei destacar a presença do legado do educador Paulo Freire na minha vida trazendo-o para as experiências aqui enaltecidas. Mas, se não existe pensamento puro, minha formação seguiu e segue calcada na pluralidade de diferentes teorias político-educacionais.

Para os mais jovens que buscam a Universidade como campo de formação, ousou afirmar que é impossível falarmos em educação sem estudarmos profundamente o pensamento de Paulo Freire. Não para segui-lo. Paulo Freire sempre afirmava que não queria discípulos. Ele preferia que educandos e educadores dos diferentes espaços sociais, o reinventasse. Reinventar Paulo Freire é ser fiel ao seu desejo, é ser honesto e coerente com seus princípios. Como ninguém muda o que não se conhece, é imprescindível estudar também e profundamente, o legado freiriano entre outras teorias educacionais formativas.

Seguramente, a complexidade da obra de Paulo Freire não nos permite abordarmos com profundidade e neste espaço, as categorias formativas que constituem seu pensamento hoje, legado.

Contudo, encerro minha participação nesta entrevista registrando algumas categorias básicas do pensamento do Patrono da Educação Brasileira, pela atualidade que encerram. Mais notadamente, a ênfase na não neutralidade da educação e o caráter político que encerra.

A pedagogia de Paulo Freire está centrada na convicção da construção de “um outro mundo possível”. É para isto que ensinamos e aprendemos. Colocamos nossos conhecimentos, nosso saber em função de uma causa que é eminentemente política. Daí a impossibilidade de estudarmos Paulo Freire nos limitando apenas a cultivar suas ideias sem um elevado grau de comprometimento nosso com a construção deste novo mundo. O pensamento de Paulo Freire está, portanto, ligado a um projeto social e político.

O que significa educar nesta perspectiva? Na perspectiva de um outro mundo

---

possível? Significa educar para desalienar, para dar voz aos excluídos, aos oprimidos para desmercantilizar a vida. Educar para favorecer o processo de conscientização, de libertação. Significa ainda , educar para a formação crítica e cidadã e não apenas para a formação de mão de obra para o mercado.

A perspectiva do Oprimido constitui a ótica essencial da obra de Paulo Freire. Em 1968, no Chile, ao escrever seu livro importantíssimo “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire deixou claro seu compromisso através de sua dedicatória: “Aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Aí reside a base e o sentido do aprender, do conhecer e do ensinar em Paulo Freire. Esta foi e é sem dúvida, sua grande contribuição inicial. Todas as demais bases que constituem o legado de Paulo Freire parte dessa premissa maior: educação como ato político e conscientizador!

Nos seus ensinamentos e na sua prática, Paulo Freire nos lembrava a necessidade de clarificarmos algumas questões: Qual a realidade na qual estamos inseridos? Leitura crítica do mundo. Que educação queremos ajudar a construir? Que tipo de cidadão/educando se deseja formar? Em função de que exercemos nossa ação educativa? A favor de quem? Contra o quê? Para quê conhecer afinal?

Responder a estas e outras questões é um exercício importante capaz de clarificar nosso agir político educativo na direção de uma educação problematizadora, libertadora.

Deixo com vocês caro leitor, cara leitora, o convite a iniciar e ou aprofundar o conhecimento sobre e a partir do legado de Paulo Freire. As obras de Paulo Freire e a partir dele, estão amplamente publicadas no Brasil e no mundo. Acessá-las é uma decisão de cada um, de cada uma.

O legado de Paulo Freire está vivo e nunca foi tão atual e necessário à sociedade atual. Obrigada.

*Professora Ana Vale, agradeço imensamente sua disponibilidade para nos*

---

*receber, seu tempo e sua generosidade em compartilhar conosco um tanto de sua trajetória, sensibilizando para aspectos - dimensões - da educação. Obrigada.*

Praia de Cotovelo/RN, 16 de novembro de 2024.

